



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**EDVALDO VALÉRIO SILVA FILHO
(ENTREVISTA)**

Salvador, BA

2021

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA



Legenda: Edvaldo Valério Silva Filho e Joelzio dos Santos Oliveira

Projeto: LOURIVAL QUIRINO: uma trajetória nadando nas águas do Rio São Francisco

Número da entrevista: E-962

Nome do entrevistado: Edvaldo Valério Silva Filho

Local da entrevista: Salvador - Bahia

Entrevistador: Joelzio dos Santos Oliveira

Data da entrevista: 25/01/2021

Transcrição: Joelzio dos Santos Oliveira

Copidesque: Joelzio dos Santos Oliveira

Pesquisa de termos: Joelzio dos Santos Oliveira

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 31 minutos e 16 segundos

Páginas Digitadas: 11

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo Centro de Memórias do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SILVA FILHO, Edvaldo Valério. Entrevista concedida por Edvaldo Valério Silva Filho ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Joelzio dos Santos Oliveira. UNIVASF, UFRGS, Salvador (BA), 25 jan. 2021, 14p.

SUMÁRIO

Cidade de Juazeiro; Educação Física; Lourival Quirino e Moacir; Clube Country Club; Família e Rio São Francisco; Amigos; Natação e Equipes; Jaílson; Patrocínio; Travessia a Nado Mar Grande-Salvador; Classe social; Treinamentos e Trabalho; Ilha do fogo; Petrolina; Circuito Mundial de Natação; Viagens; Técnicos; Competições; Marinha do Brasil e Prefeitura Municipal de Juazeiro; Triathlon; Comportamentos; Mídia; Influências.

Salvador (BA), 25 de janeiro de 2021. Entrevista com Edvaldo Valério Silva Filho (E.F.) a cargo do pesquisador Joelzio dos Santos Oliveira (J.O.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

J.O. – Qual é o seu nome completo?

E.F. – Bom dia, meu nome é Edvaldo Valério Silva Filho.

J.O. – Data e local do seu nascimento?

E.F. – 20 de abril de 1978, nascido aqui em Salvador Bahia.

J.O. – Qual é a sua escolaridade?

E.F. – Terceiro grau completo.

J.O. – Sua profissão atualmente?

E.F. – Eu sou empresário e trabalho aqui na prefeitura de Salvador como gerente de esportes aquáticos.

J.O. – Quando foi que iniciou a sua relação com a natação?

E.F. – Eu comecei nadar muito cedo com 3 anos de idade em função de um problema respiratório, e também por meu pai ter sido atleta, só que o meu pai foi um atleta mediano, então ele acabou transferindo para mim a figura esportiva que ele gostaria de ser um dia, um cara campeão, um cara conquistando títulos e batendo recordes, então foi assim que comecei no meio do esporte, com 3 anos de idade bem cedinho e a única atividade recomendada para essa idade era natação, fui tomando gosto pelo esporte e nadei até os 32 anos.

J.O. – No início dos seus primeiros treinos e competições qual era o seu poder econômico e era sua classe social?

E.F. – Foi bem difícil para me manter ao longo desses anos dentro do esporte, tive ajuda de outras pessoas, ou seja, de pais de outros atletas que muitas vezes faziam rifa para arrecadar dinheiro para custear as despesas. Meu pai era funcionário público e minha mãe do lar, então era uma única renda para poder manter a casa e o sonho esportivo, então foi assim que me mantive ao longo desses anos todos contando com ajuda de muita gente, não foi fácil... Várias dificuldades, várias incertezas em função dessa realidade. Eu não vou dizer a você que eu passei fome, *que eu não passei fome*, mas tive muita dificuldade de ter ferramentas pra ser um cara competitivo nesse universo. A gente sabe que o esporte, *no esporte principalmente a natação é* relativamente caro e praticado pela grande maioria do público A e até mesmo B, eu não me encaixo... Eu não me encaixava em nenhuma dessas classes, me encaixava na classe C e foi assim que me mantive ao longo desses anos, com muita dificuldade e com ajuda de muita gente. Sou grato a todas as pessoas que ajudaram a construir essa realidade que foi a medalha olímpica.

J.O. – Em relação a seu acesso aos clubes de elite da sociedade baiana de Salvador. Quando você tinha acesso a esses clubes sentiu algum preconceito, alguma forma de olhar diferente por você vir de uma classe mais baixa?

E.F. – Na verdade desde do início por ter essa dificuldade financeira sempre fiz parte de um grupo... De um clube que era na verdade, um clube que buscava ajudar as pessoas que não tinham condições de pagar uma mensalidade de um clube social, então foi assim que me mantive ao longo desses anos. Não tinha um clube olímpico de natação, a piscina ficava ao lado da antiga Fonte Nova¹ que acontecia um projeto de certa forma gratuito, e não tinha custos com mensalidade, mas depois de um tempo, depois de alcançar alguns resultados expressivos... É claro que a gente busca uma melhora e tive a chance de nadar em alguns clubes sociais também. Tive um entendimento muito tardio do que era preconceito, fui ter um entendimento melhor sobre isso depois de quase

¹ Estádio de futebol localizado em Salvador.

adulto, então todas essas situações desconfortáveis de questão racial demorei a perceber, até porque a minha preocupação só era em treinar, em ter resultado e em buscar melhorar as minhas marcas. A minha família tinha uma participação muito efetiva e acabava me blindando as vezes, de determinados comentários, com isso demorei pra perceber as coisas sobre questões raciais que acontecia e quando percebi realmente ficou uma coisa muito evidente, assim, principalmente quando viajava pro exterior pra participar de algumas competições e esse preconceito ficava muito evidente, mas não dava e nunca dei tanta importância a essas questões.

J.O. – Você fazia parte de alguma equipe de natação?

E.F. – Sim, sempre fiz parte de uma equipe competitiva, todos os clubes que passei tinham equipes. Já nadei por muitos clubes e os últimos anos inclusive da minha trajetória esportiva tive que morar fora porque aqui em Salvador a realidade foi bem difícil, nessa questão estrutural e até mesmo financeira de apoio, de incentivo, de patrocínio, então os últimos anos da minha trajetória esportiva tive que morar em outros estados. Eu morei em Pernambuco, no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e foi assim que me mantinha. Quando resolvi voltar para Salvador já foi decidido abandonar minha carreira esportiva porque eu não estava mais disposto a ficar batendo de porta em porta de empresário para pedir apoio e incentivo.

J.O. – Como era o desenvolvimento dos seus treinamentos nas piscinas? Nos relate um pouco.

E.F. – Bom, *eu treinei muito*, sempre fui um cara velocista, mas eu treinava como se fosse um fundista o que quer dizer isto, velocista é um atleta que nada provas rápidas prova de 50 e 100 metros no máximo, mas eu sempre treinei como um fundista, fundista é quem compete nas provas de 800, 1500 metros e até provas de maratona aquática, então eu era um velocista que treinava como fundista. Treinei muito, fiz muito volume, tinha treino que chegava a 20 Km por dia, para competir uma prova de 50 metros que dura 22 segundos, então treinei muito na minha na minha vida, por isso não gosto de atribuir todos os resultados que tive... Eu não gosto e não aceito que as pessoas atribuam

os resultados que eu tive ao fator sorte. Treinei muito, muitas madrugadas tive que treinar, cheguei a treinar 3 vezes por dia, treinava de domingo a domingo, então eu construí esses resultados. Claro que construí juntamente com meu treinador, os companheiros de equipe e os outros profissionais que faziam parte dessa cadeia que ninguém faz nada sozinho, apesar de ser um esporte individual, ele é o individual mais coletivo que existe, porque tem o treinador, tem preparador físico, tem o fisiologista, tem o psicólogo... Enfim, tem uma gama de profissionais que fazem parte desse resultado final. Então, treinei muito e construí todo esse caminho de sucesso, foi assim que eu posso descrever a parte de treinamento com os resultados que eu tive.

J.O. – Você chegou a treinar em águas abertas²?

E.F. – Treinar não, mas eu treinei para participar de provas de maratona aquática, inclusive participei de algumas provas, apesar de ser velocista me desafiava caindo... Até porque pelos treinos que fazia me davam condições de participar de uma prova de maratona aquática apesar de ter características de velocista, de explosão, de velocidade... Me arrisquei em algumas provas de maratona aquática conseguindo ganhar algumas, outras não, mas me arrisquei em algumas provas de maratona aquática.

J.O. – Como era a natação quando você iniciou? Como eram as competições? Você tinha apoio de algum clube? E qual clube era mais forte que você percebia?

E.F. – As competições eram... Eu não posso dizer amadores, mas tinha uma certa competitividade, por que antigamente em Salvador e na Bahia sempre foi na verdade um celeiro de grandes atletas, aqui a gente tinha atletas de grandes resultados, resultados nacionais e até internacionais, então era o que tornava as competições de certa forma muito competitiva, estou sendo até redundante nisso, mas as competições sempre tiveram um alto nível aqui em Salvador. A questão dos clubes a gente tinha clubes tradicionais aqui na Bahia, *hoje já não tanto*, mas antigamente tinham muitos clubes sociais como: Associação Atlética da Bahia, Iate Clube, ASBAC³, AECO⁴, o clube do

² Treinamentos em rios, lagos, lagoas e no mar.

³ Associação dos Servidores do Banco Central.

BANEB⁵, Clube Olímpico Costa Verde Tennis Clube, e o CEPE⁶. Então, tipo assim, tinham clubes realmente que rivalizavam e que tornavam a natação muito mais competitiva, hoje já não tanto, hoje se resume a participação de algumas academias e alguns colégios. A natação hoje passa por uma dificuldade enorme, mas ainda continua revelando grandes atletas e a expectativa é que amanhã ou depois apareça um novo Edvaldo Valério ou até mesmo um Lourival Quirino⁷. É o que já está acontecendo com Allan do Carmo⁸, que vem arrebatando e alcançando resultados expressivos no circuito nacional e até mundial.

J.O. – Poderia relatar como conheceu Lourival Quirino?

E.F. – Assim, eu nunca fui amigo e nunca tive relação de amizade com Quirino, mas Quirino sempre foi uma referência principalmente nas provas de maratona aquática, um cara que já tinha alcançado grandes resultados e principalmente na Travessia a nado Mar Grande - Salvador⁹ o que o tornava um uma referência pra natação, então conheci primeiro através do disse me disse, as pessoas falando sobre o Quirino e os resultados que ele atingia. A gente participou de algumas competições juntos, ganhei umas e perdi outras. O embate que eu tenho na memória, mais claro, foi justamente na Travessia a nado Mar Grande – Salvador¹⁰, acho que talvez tenha sido a última dele. Eu conheci Quirino foi dessa forma primeiro e o povo falando: “Rapaz tem um cara de Juazeiro que vem varrendo tudo nas provas de maratonas aquáticas”, então quando a gente foi analisar os resultados ele era campeão do circuito baiano apesar de estar morando em Juazeiro¹¹, de se erradicar em Juazeiro. Lourival participava de todas as provas, era bicho-papão, alcançava grandes resultados e se não me engano, ganhou 4 ou 5 vezes a Travessia a nado Mar Grande - Salvador.

J.O. – Você conhecia a rotina de treinamentos de Lourival Quirino?

⁴ Associação dos Empregados da Copene.

⁵ Banco do Estado da Bahia.

⁶ Clube dos Empregados da Petrobrás.

⁷ Lourival Alves Quirino, ex-atleta de natação.

⁸ Allan Lopes Maméde do Carmo nadador baiano de maratona aquática.

⁹ Competição realizada na Baía de Todos os Santos.

¹⁰ Competição realizada em janeiro de 1996.

¹¹ Cidade localizada no norte do estado da Bahia e banhada pelo rio São Francisco.

E.F. – *Não*, sabia que ele nadava e treinava no rio São Francisco. Muitas histórias chegavam para mim, como que ele nadava contra a correnteza puxando barco, então eram essas histórias que chegavam ao meu conhecimento. Por não ter estrutura na cidade ele treinava no rio São Francisco, muitas vezes contra correnteza e quando era contra a correnteza nadava puxando o barco, o que o tornava cada vez mais apto a participar das competições e obter todos os resultados que teve na sua carreira.

J.O. – Conte como foram os seus treinamentos antes da participação na Travessia a nado Mar Grande - Salvador que participou pela primeira vez?

E.F. – É participei de apenas uma, eu não lembro o ano exato se foi 1994, 1995 ou 1996, *eu não lembro*, mas aquela competição chamava atenção porque acontecia sempre no fim do ano, eu não lembro se era fim do ano ou início de janeiro, mas era sempre o período natalino. O período que as pessoas tiram recesso e que acontecia a prova. Eu lembro que... Assim, eu treinei muito pra essa travessia, como eu disse, treinava 20 quilômetros por dia, treinava pela manhã 10 quilômetros e a tarde mais 10 quilômetros. Treinava sempre em piscina, nunca tive a oportunidade de treinar no mar, mas eu competia no mar e foi assim que treinei, foi um período que realmente e muitas vezes me questionei porque estava treinando e *treinando tanto*, já que não era uma prova específica minha. Eu estava me arriscando e me aventurando em cair numa prova tão longa, a depender da maré ela pode ter 12 quilômetros ou você pode nadar mais de 12 quilômetros. Então, tipo assim, foi um risco muito grande para me aventurar nessa prova já que não era minha especialidade e ainda assim eu topei esse desafio, uma pena não ter concluído.

J.O. – Durante Travessia a nado Mar Grande – Salvador que foi no ano de 1996, você ou sua equipe tinham algum objetivo específico para derrotar Lourival Quirino? Porque até aquele momento Lourival era tetracampeão da prova.

E.F. – A nossa estratégia era sempre mirar o Quirino, desde o início da prova a gente fez uma marcação com Quirino, mas o entendimento era sair da prova forte, iniciar o

percurso imprimindo um ritmo forte, para deixa-lo desconfortável, *foi isso que acabou e aconteceu*, eu saí desde o início liderando a prova, liderei o pelotão e fui abrindo, *fui abrindo* uma distância ao ponto de ficar a 500 metros do segundo colocado, que naquela hora já era o Sílvio¹², o atleta que acabou vencendo a prova. Eu já estava vendo a areia do mar e a chegada, nadando e ouvindo a narração do locutor, faltava aproximadamente um quilômetro a 1,5 quilômetro, eu estava a 500 metros da frente do segundo colocado que era o Sílvio, nessa altura o Lourival Quirino já tinha abandonado a prova, mais ou menos pelo meio do percurso e o que me tranquilizou, mas mesmo assim fiquei imprimindo um ritmo muito forte, tinha tudo pra eu ganhar aquela prova, felizmente no final do percurso acabei sendo acometido por uma por uma água-viva que ocasionou uma queimadura na região da axila o que me possibilitou de finalizar prova, também tive que abandonar a prova faltando 1,5 quilômetro e estando 500 metros à frente do segundo colocado, o cara que acabou ganhando a prova e que gerou uma frustração muito grande em função disso, inclusive não quis mais me arriscar em provas de maratonas aquáticas, Principalmente a Travessia a nado Mar Grande - Salvador.

J.O. – Sílvio participava da sua equipe?

E.F. – Era o mesmo clube, a gente treinava e fazia toda a preparação juntos, mas hora nenhuma me sentia ameaçado por nenhum atleta, nem pelo Lourival Quirino que era uma referência e que toda a equipe tinha marcado. Como eu estava bem condicionado e imprimindo um ritmo forte desde o início, fui abrindo uma distância ao ponto de ter aproximadamente 500 metros do segundo colocado, a prova estava praticamente ganha para mim e aconteceu o fato da água-viva ter me queimado, com isso abandonei a prova porque não conseguia nadar em função das queimaduras.

J.O. – Se existiu, poderia relatar qual foi a estratégia do seu treinador Sérgio¹³ antes da competição Travessia a nado Mar Grande – Salvador de 1996?

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Sérgio Luiz Sampaio Lacerda Silva.

E.F. – Não, a estratégia era justamente essa, a gente tinha que marcar o Lourival Quirino que era o cara que vinha de algumas conquistas, principalmente Travessia a nado Mar Grande - Salvador e que a gente sabia da sua referência. Todos nós sabíamos quando falavam da Travessia a nado Mar Grande – Salvador, falavam em Lourival Quirino e Janaína Soares¹⁴ que eram atletas vindo historicamente de algumas conquistas consecutivas, então a gente sabia que tinha que marcar esses dois atletas, a parte feminina nem tanto, mas o Lourival Quirino a gente sabia que tinha que marcar pela experiência vivida nas participações em provas de maratonas aquáticas. Eu conhecia pouco de correntes marítimas, então a gente sabia da obrigação de marcar o Lourival Quirino desde do início e foi isso que acabou acontecendo. Marcamos e ao mesmo tempo deixamos ele em uma situação desconfortável, eu acho, tenha sido a primeira vez que ele foi surpreendido com um ritmo muito forte, acho que ficou assustado e provocado uma descoordenação no nado, ele deve ter nadado um pouco... Ele sentia na obrigação de recuperar e diminuir a distância, o que não aconteceu, pelo contrário essa distância o tempo todo só aumentava e no meio do percurso soube que já tinha abandonado a prova.

J.O. – Você recorda da sua reação quando ficou sabendo que Lourival Quirino tinha abandonado a prova, você chegou a ouvir essa informação quando estava nadando?

E.F. – *Ouvi sim*, a gente quando faz uma prova dessa em determinado momento paramos para fazer a hidratação e conversar com o guia¹⁵. Essa é uma prova que precisa de auxílio e o guia é a pessoa que lhe ajuda, além de ser o barqueiro, o guia acaba escolhendo a rota, o trajeto em determinado momento. Quando parei para fazer hidratação ouve essa comunicação de que Lourival tinha abandonado a prova, assim, não que eu tenho comemorado, mas gerou um certo alívio porque era um concorrente direto e que já não era mais ameaça, então a prova estava altamente controlada. Como eu treinava muito estava bem condicionado, não senti o ritmo, desde o início o ritmo foi forte... É uma pena a água-viva ter ocasionado a queimadura e me forçado a abandonar a prova.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Profissional que conduz a embarcação nas competições em águas abertas.

J.O. – Nos relate como foram os seus últimos quilômetros na Travessia a nado Mar Grande – Salvador, o que você sentiu naqueles últimos quilômetros?

E.F. – Como eu disse, quando abandonei estava nadando... Quando nada uma prova de maratona aquática você de vez em quando faz respiração frontal pra saber onde é que está indo, qual o trajeto estar seguindo e nesse movimento de suspender a cabeça para frente estava vendo a areia do mar. Esse movimento de tirar a cabeça também dar para ouvindo o locutor, então me fez entender que a distância já era curta, que faltava poucos metros, mais ou menos 1,5 quilômetros para finalizar a prova. Foi um sentimento de frustração por ter nadado uma belíssima prova e hora alguma ter sido ameaçado. Quando abandonei a prova o Silvio acabou passando por mim, isso quando a água-viva me queimou, foi um momento que me assustei, entrei em pânico, a queimadura ficou em carne viva e numa região que é altamente funcional para o nado, na região da axila aonde realiza o movimento da braçada, com isso a queimadura se ficou mais desconfortável. Tive que parar várias vezes, inclusive para me hidratar porque o pânico acabou mexendo com seus sentidos, conversei com meu guia pra dizer que eu não estava suportando mais a dor, apesar de entender e saber que faltava poucos quilômetros, começaram a aparecer as câimbras também, muito se fala que em função do veneno que a água-viva acaba transferindo para você, então eu sentia muita câimbra e um sentimento de frustração porque era uma prova que eu ia entrar para a história certamente pelo ritmo que estava imprimindo, ia bater o recorde daquela prova e colocar meu nome na história de mais um campeão daquela tradicional prova, *então foi uma frustração muito grande*, uma tristeza grande de ter liderado quase na sua totalidade a prova e no final acabar abandonando.

J.O. – Para você foi uma surpresa a vitória de Sílvio aos 14 anos de idade?

E.F. – Não foi surpresa porque a gente treinou junto. Sílvio era um cara fundista, ou seja, muito mais provável que liderasse toda prova, mas eu me preparei muito bem, é por isso que acabei imprimindo um ritmo muito forte e não foi surpresa Sílvio ter ganho a prova. Se não fosse ele seria um outro atleta do clube porque a gente treinou muito

para aquela prova, a gente estava muito bem preparado, Sérgio que era o nosso treinador tinha um leque de atletas principalmente fundista e que participavam daquela prova. Então, surpresa não foi, mas acabou estragando a surpresa que seria eu ganhando aquela prova.

J.O.– Por que você não participou mais das Travessia a nado Mar Grande - Salvador?

E.F. – Porque depois da prova gerou uma frustração muito grande, eu não estava mais disposto a passar por todo aquele sacrifício que é principalmente nadar a prova no período que ela acontece, apesar de ser um período tradicional para prova, mas eu acabei optando realmente em focar em provas de piscina e o calendário acabava inclusive chocando, ai eu tinha que priorizar a participação na Travessia a nado Mar Grande - Salvador ou competições em piscina que eram inclusive em outros países, então acabei de fato optando em focar nas provas de piscina que era minha especialidade e por isso acabei não participando mais de nenhuma prova.

J.O. – Você consegue descrever como era Lourival Quirino como pessoa e atleta?

E.F. – Assim, eu nunca tive a chance de conversar e trocar uma ideia com Quirino, mas o pouco que via, assim... Eu não posso fazer uma análise sobre a pessoa desde quando não tenho conhecimento, mas um pouco que vi percebi que Lourival era um cara que não se abria muito, pelo menos só se abria com quem já tinha uma relação, e que natural. Outra percepção que sempre tive foi que Lourival era um cara muito focado, sabia muito bem o que queria, já tinha as estratégias e bem definida, ele não saía da estratégia, a prova viva foi justamente aquela competição, que ele certamente orientado pelo seu guia manteve a estratégia e por talvez ter percebido que não tinha mais chance ou por alguma lesão, não sei o motivo e o que ocasionou o abandono, mas até naquela prova mostra um cara muito focado, muito centrado e sabedor no que tinha quer fazer em todas as provas. Então, um cara que não se abria muito e que tinha uma relação de confiança com a equipe, *um cara muito focado*.

J.O. – Na sua opinião Lourival Quirino trouxe algo de importante para a natação baiana e brasileira?

E.F. – Com certeza, se hoje a gente tem multicampeões em provas de maratonas aquáticas muito se deve a Lourival Quirino, ao sucesso dele nas provas. O fato do cara ser 4 ou 5 vezes campeão desta tradicional prova mostra a importância para o segmento de competições em águas abertas, ele certamente contribuiu e muito para o sucesso das provas de maratonas aquáticas e que a gente precisa de fato valorizar todas essas conquistas, porque nós dependemos de Quirino abrisse as portas pra que tivéssemos esse sucesso de hoje.

J.O. – Tem algo que gostaria de deixar registrado?

E.F. – Eu queria só parabenizar você por essa grande homenagem que presta a um excelente atleta que a Bahia teve, um cara que foi durante muitos anos referência para muitos, principalmente aqueles nascidos na minha época. Deixo registrado meu abraço ao Lourival e desejo que ele continue desenvolvendo o trabalho que desenvolve até hoje na sua cidade que é fomentando o esporte que tanto nos deu. Desejo sucesso também pra que ele possa um dia revelar um novo Lourival Quirino.

J.O. – Edvaldo quero agradecer de coração por ter aceito fazer parte dessa pesquisa.

E.F. – Obrigado a você também, parabéns pelo belíssimo trabalho e pela homenagem prestada a um dos ícones da nossa natação. Desejo também a você muito sucesso, que possa concluir o mestrado e que a nota seja na sua perfeição.

[FINAL DA ENTREVISTA]